

05293
1981
FL-05293



DO TROPICO UMIDO

Trav. Dr. Enéas Pinheiro s/nº
Fones: 226-6622, 226-1741 e 226-1941
Cx. Postal 48 - 66.000 - Belém-Pará

ECUÁRIA

Nº 50 | Mês-Julho | Ano-1981 | pp. 03

PESQUISA EM ANDAMENTO

PRODUTIVIDADE DE PASTAGENS NATIVA E CULTIVADAS, DURANTE O PERÍODO SECO NA ILHA DE MARAJÓ, ESTADO DO PARÁ



José Ribamar Felipe Marques¹
José Ferreira Teixeira Neto²

A ilha de Marajó possui uma área de 49.606 km² dos quais, aproximadamente, 23.046 km² na sua parte leste são constituídos de uma grande planície com vegetação tipo savana, "os campos naturais com pastagens nativas", onde predominam, principalmente, gramíneas e leguminosas forrageiras, estando estas últimas, quantitativamente, em plano secundário.

Dentre as gramíneas se destacam os gêneros *Axonopus*, *Andropogon*, *Paspalum*, *Panicum* e *Trachypogon* e, dentre as leguminosas, os gêneros *Cassia*, *Desmodium*, *Phaseolus* e *Centrosema*. Os solos são, geralmente, de baixa fertilidade natural, predominando nas áreas mais altas ("tesos") a Laterita Hidromórfica nas suas diversas fases, Glei Húmico e Pouco Húmico e Areias Quartzosas.

As pastagens nativas constituem a base da alimentação animal e, devido aos problemas climáticos, com cheias e secas periódicas se alternando, associados à rápida perda do valor nutritivo das forrageiras, o rebanho sofre sérias limitações nutricionais. Na época das cheias, imensas áreas destas pastagens ficam submersas durante alguns meses do ano, obrigando os animais a se concentrarem nos "tesos" e, no verão, quando a seca é muito forte o crescimento for

¹ Zootecnista, Pesquisador do CPATU-EMBRAPA, Cx. Postal 48 - 66.000 - Belém-Pará.
² Engº Agrº, M.S. em Forragicultura, Pesquisador do CPATU-EMBRAPA, Cx. Postal 48, 66.000 - Belém-Pará.

rageiro é quase paralisado. Assim, em ambos os períodos, a disponibilidade da forragem é, também, bastante reduzida. Devido a isto, os índices de produtividade do rebanho marajoara são baixos o que não condiz com a aptidão criatória que possui a região.

Na tentativa de solucionar esta problemática, o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido (CPATU) vem estudando nos "tesos" de Marajó alternativas que visam melhorar a alimentação do rebanho através da introdução de gramíneas e leguminosas forrageiras de boa produtividade e qualidade, que se adaptem às condições da área, bem como técnicas mais racionais de manejo das pastagens nativas e cultivadas. Os estudos vêm sendo efetuados através de um ensaio de pastejo na fazenda Curralinho, Município de Ponta de Pedras, próximo à cidade de Cachoeira do Arari ($1^{\circ} 1' S$ e $48^{\circ} 58' W$ Gr). O ensaio foi instalado em agosto de 1979, dentro da programação do Projeto de Recuperação, Melhoramento e Manejo de Pastagens da Amazônia Legal (PROPASTO), convênio BASA/EMBRAPA e, visa determinar, sob pastejo, a potencialidade das pastagens nativas e de Quicuío da Amazônia (*Brachiaria humidicola*) puras ou consorciadas com leguminosas, mais adubação, para engorda de novilhos.

O solo da área experimental é Laterita Hidromórfica fase arenosa e a pastagem nativa foi submetida a um descanso de um ano e seis meses, enquanto as outras áreas eram preparadas. Os animais utilizados eram anelorados e no início do experimento apresentavam idade média de 18 meses, com peso médio em torno de 210 kg.

As pesagens foram realizadas a cada 56 dias e são apresentados aqui dados do período seco, agosto a dezembro de 1980, época em que a média mensal da precipitação pluviométrica esteve abaixo de 50mm. O sistema de manejo utilizado foi o contínuo e os tratamentos foram: I) Pastagem Nativa (PN) com cargas 0,5 e 1,0 cab./ha; II) Quicuío da Amazônia (QA) com as cargas 1,7 e 2,6 cab./ha e, III) PN + QA + Leguminosas (L) em forma de coquetel constituído de *Pueraria* (*Pueraria phaseoloides*), *Stylosanthes guianensis* e *Centrosema pubescens* + P_2O_5 (50 kg/ha nas faixas de Quicuío da Amazônia e leguminosas) com cargas 1,0 e 1,7 cab./ha.

No tratamento III, na carga de 1,0 cab./ha não houve um

PESQUISA EM ANDAMENTO

bom estabelecimento das leguminosas resumindo-se o piquete a, praticamente, 75% de pastagens nativas e 25% de Quicuiu da Amazônia.

Os ganhos médios em peso diário (kg/animal) e produção média por área (kg/ha), de acordo com os tratamentos, foram, respectivamente: I) 0,12; 0,06 para 0,5 cab./ha e 0,07; 0,07 para 1 cab./ha II) 0,24; 0,41 para 1,7 cab./ha e 0,20; 0,52 para 2,6 cab./ha; III) 0,16; 0,16 para 1,0 cab./ha e 0,30; 0,51 para 1,7 cab./ha.

Os animais, em dezembro de 1980, com uma idade média de 32 meses, apresentaram os seguintes pesos vivos médios segundo os tratamentos e cargas, respectivamente: I) 361 e 361 kg; II) 389 e 372 kg e, III) 343 e 417 kg.

Desta fase de estudos verifica-se que: a) A pastagem nativa bem manejada, com controle da pressão de pastejo, pode suportar uma taxa de lotação bem superior à taxa atualmente utilizada pelos fazendeiros da região; b) Sem o uso de fertilizantes, nas condições do experimento, o Quicuiu da Amazônia suportou carga de até de 2,6 cab./ha/ano; c) A *Pueraria phaseoloides*, mesmo com os sintomas de deficiências nutricionais, mostrou melhor desempenho durante o período seco entre as leguminosas testadas e pode se constituir numa boa opção para a ilha; d) O sistema de consórcio em faixas de pastagens nativas, leguminosas e Quicuiu da Amazônia parece garantir mais a persistência das espécies, principalmente, leguminosas; e) A engorda ou terminação de animais é possível de ser realizada nos "tesos" da ilha de Marajó, utilizando-se pastagens nativas ou de Quicuiu da Amazônia, consorciadas ou não com leguminosas.

O ensaio terá continuidade com a introdução do segundo grupo de animais e poderá consolidar os resultados aqui apresentados e, conseqüentemente, solidificar a tecnologia empregada.

